

A guerra

(COMO FACTOR DO PROGRESSO)

(Continuação)

Na lucta entre Thebas e Sparta, Epaminondas, o iniciador da ordem de batalha *Obliqua*, encontrava na força armada um excellentissimo instrumento de que sabia tirar partido, instrumento que ao chegar a Alexandre, passando por Parmenion o notavel tactico e organisador thebano, do tempo de Philippe, seu pae, havia de apresentar um alto grau de perfeição: e esse grande general e rei ainda o levantava mais alto creando tropas permanentes, constituindo a phalange na base de fortes unidades, em que se subdividia, protegida por todos os lados com um systema racional de tropas ligeiras de cavallaria e infantaria, as quaes eram os verdadeiros combatentes, enquanto que o corpo da phalange era o nucleo resistente. Por isso este exercito, assim constituído, foi nas mãos de Alexandre, que era um tactico e um estrategico eminentemente, um instrumento de extraordinario valor.

Na epoca da decadencia os gregos guardavam as formas quasi mortas da antiga milicia grega e romana, conservando a infantaria uma fraca ordem mixta entre alphas e a legião, sem nenhuma das qualidades essenciaes destas duas formaturas por excellencia, sem energia e disciplina nos soldados, sem armamento effizaz, sem cavallaria apta para luctar com os persas, com os barbaros, com os sarracenos, tendo apenas como poderoso elemento o fogo gregico, só por si insufficiente.

Quanto a Roma, foi a guerra a sua arte por excellencia.

Entre os barbaros, eram os godos os mais adiantados na arte de guerra, muito mais que os hunos, apesar da sua notavel maneira de combater a cavallo; mais que os vandalos, burgundios e lombardos, que estavam n'um termo medio de instrucção, entre os godos e os francos, sendo estes os mais atrasados de todos, só esse ponto de vista.

Mais ou menos adiantados, porém, a verdade é que os barbaros, mal armados com a sua clava, o seu pesado escudo e a sua longa espada sem uma ordem definida nas batalhas, embora mais propensos para as formaturas em massa; sem fortes machinas e aparelhos de impugnação e expugnação de fortalezas, apresentaram uma grande inferioridade, que deu em resultado serem facilmente batidos pelos orientaes, que tão rapida e tão vastamente estenderam o seu imperio.

Eram os barbaros, portanto, no que respeita á arte da guerra, os mesmos representantes da decadencia que com elles se manifestou em todas as sciencias, artes e instituições do mundo antigo. Os primeiros seculos medievos, se não foram uma solução de continuidade e um transvio no caminho da civilização, foram de certo, como observa Littré, um longo lapso de tempo perdido. E se as bellas artes estavam em decadencia, se as letras desfalleciam, se a administração romana estava mutilada, e as leis romanas cediam o lugar aos costumes barbaros, claro é que a arte de guerra havia de seguir o mesmo destino.

(Continua).

A bandurra

PÁGINA CURTA

Dosia, ainda tida a sacudida pelos soluços, foi sentar-se na alcova alta, a a alcova forrada de seda malva que fóra de sua mãe. Gostava desse lugar solitario onde occultava suas maguas, suas angustias, suas decepções de memma desprezada e desconfiada.

De um colorido ainda indeciso, mistura de ambar e de mel, Dosia tinha longos cabellos sparos, seu vestidinho amarratado e amplo occultava as linhas graciosas de seu corpo; seu rosto triste, melancolico, mal colorido sob as longas pestanas, parecia-se com essas rosas pallidas de outubro que apenas possinam um vago perfume de flores soffredoras e que se desfolham, apenas nellas se toca.

Desde a morte de sua mãe, ella definhava, como uma planta privada de cuidados e de luz. Quem a amaria ainda?

Em sua casa, ainda de luto, entrara uma extranha, uma outra mulher jovem e bella, que tomara o seu nome e dirigia tudo, segundo seus caprichos, com a inconsciente crueldade dos seres privados, egoistas e vãos.

Em poucos dias, cahira-lhe em desgraço a filha da defunta pela fixidez de seus pesados olhares, carregados de exprobações, pela frieza de sua attitude, por esse não sei o que de hostil que os pequenos sabem imprimir ás suas menores acções e ás suas menores palavras.

E, agora, era a guerra aberta entre a madrastra e a orphã, diante do silencio do pae que não se atrevia a intervir.

Ah! Como era bella a alcova alta da defunta com suas longas e sedosas cortinas, seu grande leito em forma de gondola, ornado em um rico *coure pied* que scintillava, como o firmamento salpicado de rosas de ouro!... Havia na mobilia os estylos mais diferentes: uma commoda Luiz XIV, soberba com embutidos de cobres brilhantes, poltronas á Luiz XV, vestidos de damasco verde com flores malva, e, sobre os velletores trabalhos de b'rdado que a morte interrompera e que nunca mais seriam concluidos.

Dosia, com o rosto banhado em lagrimas, foi sentar-se em uma das poltronas diante da janella que abrio. Uma grande acacia toda praticada de claridade doce sacudia, junto della, suas flores perfumadas que cahiam gizando como borboletas brancas. Tudo na natureza fallava de felicidade e de renascimento junto de seu mudo desespero. Lentamente deitou a cabeça no encosto da poltrona e pensou. Perito da janella, bem defronte della, estava pendurada á parede por um laço de setim amarellecido uma bandurra e a memma lembrou-se de que seus primeiros sonhos tinham sido embalados pelas melodias do velho instrumento, cujas cordas eram vibradas por mão terna e ligeira. Então a pequena guzla exhalava sua alma em accordes carinhosos, tinha, em suas canções, uma revoada de fé e de esperança.

Dosia, com a melancolia do presente, tornava a encontrar seus bellos sonhos de out'ora, a lembrança das alegrias muito breves, longos benos tão apaixonadamente dados e retribuidos.



Canto de uma sala mobilada a capricho

Emm é obrigação convidar para dançar a dona da casa ou as filhas, se ella as tem.

No jogo — Em um sar u em que se joga, pôde-se, sem inconveniente, deixar de tomar parte no jogo, declarando-se simplesmente que não se tem o costume; pôde entretanto acontecer que a recusa seja impossivel; e preciso então accentar de boa vontade; a calma e o sangue frio fazem o resto. Um dono de casa deve providenciar para que as cartas sejam inteiramente novas, ainda embrulhadas e illustradas com o carimbo e sello officiaes.

Calma temo discreção, emmí foides; não são necessario, em fazer, mais longos detalhes. Deve se uma revanche a quem perde, se se ganha; nada deve exigir de quem ganha se se perde; ninguém deve contar o dinheiro ou mettê-lo na algebeira, antes do fim da partida.

Não chores!

Porque tu choras, menina,
Que foi que te aconteceu?
Contra a desgraça mofina
Porque não fazes como eu?

P'ra que chorar? Guarda o pranto
No fundo do coração,
Oh! as rivaes gozam tanto
Si choras! Não chores, não!

Recalca a magua; procura
Do riso o claro fulgir;
Finge o gozo da ventura,
Não te deixes succunhir!

Eu já tenho experiencia
Conselhos posso te dar,
Nas luctas, desta existencia
Ri sempre! Nunca chorar!

Ri sempre! Não ha remedio!
Ri, zombeteira e cruel!
Ri, aos bocéjos do tedio!
Ri, do odio ao tredo fel!

Ri, vendo desmornadas
As illusões do ideal;
Vendo no chão, recalca-las
As rosas, n'um lamaçal!

Guarda o teu pranto zelosa;
Ninguém saiba ah! que soffreu
Maguas tu'alma anciosa;
Faze tu, qual faço eu.

GUIL-MAR.

MOSAIÇO

O conselheiro Arruda já foi boticario.
Um dia entrou-lhe pela loja um sujeito e disse-lhe:

— Dê-me um remedio para o estomago,
— Que tem o senhor?

— Não sei; porém sinto aqui uma coisa que sobe e desce...

O conselheiro Arruda depois de reflectir:
— Diga-me uma coisa: teria por accaso o senhor engolido algum elevador?

*

Depois de uma hatalha:

— Meu general, julgo ter direito a uma condecoração.

— Foi ferido?

— Sim, senhor.

— Onde?

— No amor proprio. O meu tenente chamou-me poltrão.

*

Entre dous rapazes:
— Ha muito tempo que tomei a resolução de casar-me.

— E porque não te casas?

— Porque estou a espera que me tirem isso da cabeça.



(Bombas com pintura sobre vidro)

Ella estava então, como em um ninho de amor, nunca soubera o que lóra fto, em seu coraçãozinho, quando agasalhado no lrouxel dos cuidados e dos sorrisos. Agora um grande sopro glacial caíra sobre ella, turturada na indifferença d s seres e das coisas.

Oh! encantadoura guzla não dirás tu nunca mais a pobre Dostia as melodias que aquecem as creancinhas e as avesinhas?

Novas lagrimas caíam pelas faces febris da creança, mas como ella não tem ainda nem o habito, nem a força de soffrer, suas palpebras cahem lentamente, enquanto uma ultima gotasinha limpida tremula nos fios de ouro que lhe cobrem os olhos, e seu espirito voa para o pate de sonho onde ha, quando menos, algumas espigas de eleição a colher para os desherdados deste mundo.

Mil visões confusas assaltam seu pensamento: parece lhe que a porta se abre mysteriosamente, sem fazer ruido algum e que um querido fantasma adianta-se deslizando, em uma apothose de luz...

O fantasma tem cabellos louros como ella, olhos limpidos de fe e de bondade, seus braços se estendem em um gesto de caricia... Mas Dostia está pregada a sua cadeira: demais ella bem sabe que o espectro em voo fecharia sobre ella seus braços maternos, seus braços de claridade e que não sentiria as pulsações de seu coração adormecido sob os cypristes do pequeno cemiterio.

Dostia é muito razoavel apesar de sua pouca edade e depois ja aprendeu a duvidar das coisas.

Entretanto o fantasma contempla a com seus olhos que parecem duas estrellas destacadas da abobada dos ceus, e, tomando a bandurra esquecida, preludia alguns ligeiros accordes.

Agora ergue-se a canção pedida, a canção celeste que arrebatava as almas para as immensidades azues. A melodia se accentua, consoladora e meiga, frisa o ar com um murmuro apenas apreciavel, enche-se em ondas sonoras, rola em cascatas de notas peroladas para de novo, enfraquecer-se pouco a pouco, para demonstrar-se tão tenue como o ho da Vi gem suspensa do calice de uma flor...

São esplosões de risos de campainhas de prata, *chiquets* de crystal, estridroses de cigarra, gauganteios de fontesinha, murmuros de brisa passando pelos ramos das arvores.

Todos os ruidos alegres que Dostia não ouvia mais, desde que a queiva de sua alma exclua por ella, os campos, os bosques e a natureza inteira.

Oh! mãe, disse ella em um extasi fevoroso, não te vas embora!... Que faria eu no despertar!... Vés? Estou consolada, ja não choro... eu te amo, vem passar tua mão em meus cabellos e pousar teus labios sobre minha fronte!... Seres bem discreta, bem docil, bem obediente sempre. Os outros aqui me atormentam e me detestam, por ti eu esquecerei as injurias, perdouei as offensas, como se diz nas orações que tu me ensinaste... Oh! mãe, não te vas embora!...

E o fantasma poz-se a cantar:

— Dorme, Dostinha, o ceo é azul a estrada e branca... Basta vér os bens que Deus nos dá... Os homens são maos, que nos importa se a natureza é doce!... E preciso viver com as arvores, as flores, as ondas cantantes e os astros.

Quando estiveres triste, Dostinha, desce ao jardim... Eu te tomarei pela mão e iremos visitar juntas todas as riquezas dos caminhos brilhantes pelos raios do sol com suas florinhas primaveris e seus musgos encanudados.

As trepadeiras embalsamam o vento com um perfume de amendoas, os cachos de tupo cobrem os valles com uma larga chapa de ouro. Seu odor forte e persistente embriagar-te-ha como um vinho perfumado.

Por toda a parte semearás lembranças, como se semeia grãos na terra, dessas lembranças cujas raizes partem do coração...

Veias que a vida e a mesma para todos, feita de curtas alegrias e longas flores; que não é possível pedir-lhe mais de que ella pode dar. Para chegares a conhecer isso, basta que ponhas um pouco de ti mesma em todos os olhos do valle... As mães devem morrer antes de seus filhos, e cedo ou tarde, tu me perdoarás...

Não chores; en sou bem feliz Dostinha... os soffrimentos da terra não podem mais attingir-me...

Canção continua sobre o zumbido dos condos vibrantes e a creança desperta, passa a mão pela fronte com enlangu e terror... Mas, sim, o molodia vibra sempre, não era pois um sonho.

Dostia abre grande olhos admirados e ella sem mexer com a cabeça: uma abelha, com as azas tremulas, deixou-se prender nas cordas da handurra e um passarinho muito pequeno pousado no cabo do instrumento cauta desesperadamente. E a creança comprehende a abelha e o passaro. Uma diz: eu sou a mão ligeira da morte!... E o outro: eu sou sua voz fiel... Não temas, porque as flores das acacias que o vento traz por esta janella são beijos, e o raio de sol que te envolve é a alma mateina que te acaricia e aquece. Nada morre, Dostinha, e as mães voltam nas flores, as abelhas e os passaros para consolar os filhos bem amados.

JANE DE VAUDERE.

Revelação

A' ELLA...

Mysteriosamente confessou-me que me adorava deitramente; alegremente abençoou lhe o nome, e abençoa-o et eternamente.

Cruciantemente em padecia fome. — foi e sede de amor—que, horrivelmente, barbaramente a vida nos consome, e faz soffrer amarguradamente.

Purissima, bem como num altar vive uma saula virginal, castissima, altissima aureola a a luz do luar,

a luz do luar, a luz do luar branquissima... vivissima, ella vive a illuminar da minha vida a tenebra espessissima...

Do Romance de Amor.

ALBERTO MACAHE.

Siryx o Ideal

Na terra do myrtillo verde e dos laranjaes doirados, por uma madrugada festival e fresca, o capripede Pan deus dos pastores, o primeiro que soprou a avena, o pae dos madrigaes, viu entre os juncos a formosa Siryx.

Viu-a e não teve mais o coração calado.

Entrou a suspirar e a persegui-a, gemendo noite e dia e procurando deter a linda moça fugitiva.

Faunus, vendo o chorar, rin do seu choro, e os egypaus e os satyros caprimos seguraram os passos do amante por entre as montas de loureiros verdes.

Debalde, Pan, o pobre Pan chamava...

Debalde, Pan, pobre Pan gemia...

A moça, conhecedora de todos os meandros, fugia-lhe dos passos.

Só as hamadryadas e as oreadas dos montes saliram a soccorrer o namorado triste—Mas, de subito, a formosa fugitiva, desfeita em lagrimas, quando ia a ser raptada transformou-se em canção gemente e susurrante.

Auras que voavam repetiram o derradeiro suspiro de Siryx.



(Mau humor)

Pan, desconsolado, fez uma flauta do canção verde e sahiu pela floresta tocando a aria sentimental do seu perdido amor

*

O poeta é como Pan, o namorado,
Vive seguindo um sonho e perseguindo-o.
Perde noites e dias vagueando. Nunca se cança de chamá-lo... nunca! Um dia, enfim, quando pensa tello, esbarra com o lurido juncal do desengano.

O poeta faz illess illusão finada um motivo de canto e de poema e, como o Deus caprino, nunca mais o abandona, delicia-lo a tod s conta a sua mignia rythmada, com a sua lagrima triste posta em musica.

E como Pan, sabe pelos lusques entre os cyprissos lizendo a todos a undeixa saudosa do seu amor perdido

COELHO NETTO.

O diabo e as modas

Nas modas teve Adão a dianteira
Pois foi quem inventou, res a escriptura
Para vestido a folha da figueira.

Eva depois velou a formosura
Do seu contorno em simples e ligeiro
Rinde seudal de feia contextura.

Pôde o pudor mais do que Amor bregeiro
E Maria, o ideal da castidade
Na tunica envolveu seu corpo inteiro.

Já perdendo o diabo a autoridade...
E vio que de intervir em taes costumes
Já sentia, afinal, necessidade

Eilo que inventa rendas e perfumes
E arma perverso á tola humanidade,
Laços mil que, Vaidade, em ti resumés.

Cria o cothurno e com habilidade
A saia curta, o chale, a luva, a liga.
E o collete fatal á mocidade.

A modista franceza — a grande espiga
Que o chefe de familia amaldiçoá
É obra sua! E ainda não se diga.

Que se vingou com tanta coisa á toá
Quiz fazer mais e fez clubs de dansa
Terrivel mal que nem Deus lhe perdóá.

Fez a vibrine arteira lá na França
Com grampos e chapéus e penteados
Coisa que o mundo em desespero lança.

Mas o peor dos males seus creados
Desespero de noivos e maridos
E bilontras genitis desoccupados.

O mais astuto ardid, dos escolhidos
Entre os ardis mais negros, mais damnados,
Foi de certo... o deserto dos vestidos.

Niteroy 1897.

A. AZAMOR.

Pseudo-adulterio de passaro

Um casal de cegonhas tinha seu ninho em Schleswig-Holstein. Um dia encontraram nelle dois ovos e, para fazer uma experiencia, tomou-se um desses ovos que foi substituído por um grande ovo de ganço. Os dois ovos foram cobertos, mas quando o macho notou a singular creatura que sahira de um delles teve uma scena violenta com a mulher que, certa de sua innocencia, defendeu-se energeticamente.

Nada conseguindo o macho voou, foi procurar outo outras cegonhas e toda a tropa cahiu sobre a desgraçada mãe que morreu a bicadas.

O processo barbaro de Otello ganharia o mundo das cegonhas?

Se não e vero!...

AS NOSSAS GRAVURAS

A pequena Jardineira

(Do n. 15 do corrente)

Os conselheiros haviam preparado uma festa campal e tinham convidado tudo quanto havia de mais moço e mais bello na cidade.

A festa devia ser esplendida. A tarde haveria uma festa pastoril, em seguida baile ao ar livre e a noite illuminação á corno. Devia até comparecer uma banda de musica no local, vindo de Berlim.

Elsa tambem tivera um convite. Era feliz, pois pela primeira vez que ia tomar parte em uma festa de certa ordem, tendo sahido do collegio poucos dias antes. Pedira ao pae para lhe dar uma toilette de gosto, pedido este que fóra satisfeito. Queria ser bella pois. Francisco (filho do vizinho provavelmente tambem iria á festa. E elle a tiraria para dançar? Sim ou não? E o seo coração batia fortemente enquanto minto pensava.

Chegára afinal o dia e Elsa se achava no jardim. Em redor della se movia um sem numero de jovens e de m ças formosas. Ella permanecia afisada, tímida pois toda a sua coragem a abandonára e Francisco all estava!

Este ao vel-a se encaminhara para a logar em que ella estava. Um vivo colorido lhe subio as faces. Na sua confusão ella fingio não vela ainda e se inclinou para uma rosa como se a quizesa colher.
Foi nesta p. sítio que nosso artista a retratou.

Castello Tirol

Entre os numerosos bingos e as numerosas ruínas antigas que do alto dos montes olham para a pequena cidade de Meran, se destaca principalmente o castello Tirol, o *Casto Terada* dos romanos, situado no monte Kuechel. Não se a sua posição e muno pittoresca, mas elle tambem se acha intimamente ligado a historia do paiz, pois o Tirol teve o seo nome uev do a elle. O paiz Tirol a principio foi habitado por tribus celtas e gaelezes. No reinado do imperador Augusto elle foi conquistado pelos romanos. Em seguida foi alternadamente devastado pelos marcomanos pelos allemanes, os godos e mais tarde pelos hunn s no reinado de Attila, e finalmente cahiu em poder dos bavaros. No decimo segundo seculo uma parte do paiz foi doada por Frederico I ao conde Bertholdo von Andechs o qual deste então tomou o titulo de conde de Meran. Quando em 1248 se extinguiu a prolo masculina deste conde, o territorio pass u a mãos do Conde do Tirol, o possuidor do castello e mais tarde foi doado por Margarida Maultasche aos seus primos, os condes da Austria. Deste modo o Tirol passou ao dominio da casa da Austria, a qual em 1309 comprou a duilheno as reclamações dos bavaros. Quando mais tarde, pela paz de Pressburg o paiz foi de novo cedido a Baviera, o povo captiveado por Andreas Hofer se ergueu em massa para reaver o paiz para a Austria. Em 1814 o Tirol passou novamente ao dominio da Austria. É desnecessario dizer-se que o castello passou por muitas phases perigosas durante estas guerras constantes. Presentemente a parte mais antiga do castello se acha em ruinas, tendo sido reconstruida uma das partes mais modernas.

Do castello se gosa de um esplendido panorama como facilmente o vera quem olhar para o nosso quadro.

Rosa Bonheur

(DO PRESENTE NÚMERO)

Quando se enumera os maiores artistas do nosso seculo, o nome da pintora franceza Rosa Bonheur e criado entre os primeiros e melhores; os seus quadros são muito apreciados e são pagas a pezo de ouro, não sendo raro o facto de serem vendidos por centenas de milhares de francos. Ainda a bem pouco tempo o seo quadro mais conhecido «O mercado de cavallos» foi vendido por meio milhão de francos.

O que distingue especialmente os quadros da artista é a naturalidade de todas as suas figuras, a simplicidade da representação e um sopro poetico que repousa sobre o todo, embora se não possa negar á artista um caracteristico masculino, na materia das vezes, nos seus quadros transparece sempre um temperamento femminil e braudo e talvez seja justamente isto a causa do extraordinario encanto que elles exercem sobre os espectadores.

Rosa Bonheur nasceu a 16 de Março de 1822 em Bordeaux. O seo pae e os seus irmãos são igualmente artistas de nomeada (pintores de animaes) e tem grande nomeada. Rosa, porem, e a artista mais sahente da familia. Embora pauperissimo, o pae de Rosa deu uma educação esmerada a todos os seus filhos. Rosa havia aprendido com o seo pae o sufficiente para poder trabalhar por conta propria. Começou a frequentar os matadouras e as feiras de animaes, e a convivencia com o pessoal rude desses estabelecimentos e a originalidade da sua profissão fizeram com que ella adoptasse o vestuario masculino o que não impedia porem que ella fosse muitas vezes incommodada pelos apogueiros e pelos vaqueros. Não se deixou, porem, amedrontar e em pouco tempo soube impor o respeito a esta gente rude, pelo seo talento artistico e ainda hoje ella conta com orgulho, que varios homens se haviam arvorado em seus protectores e que por causa della tinha havido muitas questoes e brigas.

Em 1840 Rosa expoz pela primeira vez alguns quadros seus. Estes ainda se resentiam de alguns defectos, mas não obstante foram bem accetios e a jovem artista adquirio logo grande nomeada. Esta fama chegou aos ouvidos do seo pae o qual immediatamente foi visitar a filha para ver as suas produções artisticas.

Em 1841 recebeu a medalha de terceira classe e em 1842 recebeu a de primeira classe como premio do seo quadro «A manada de gado em Cantal», o qual teve um extraordinario successo. Com elle elle triumphou a sua reputação artistica e o seo futuro.

Presentemente a grande artista vive no seo castello de Byande continuando a trabalhar com alan embora ja tenha adquirida uma grande fortuna. So os seus mais afieigados conseguem ter ingresso no seu atelier onde ella ainda hoje usa os vertuosos masculinos, pois diz que estes são mais commodos quando ella tem de sair a amila hoje ou se tem de ajoelhar para trabalhar na parte inferior do quadro. Queremos crelo e, não censuramos aos grandes artistas o terem as suas eccentricidades.

O Padre Marquette

O reconhecimento é, como a justiça, raro; mas enfim, quando elle apparece, é preciso dar graça aos deuses.

A cidade de Chicago acalá de pedi a legislatura um credito de 60 coo francos para erguer um monumento a seu fundador.

o que se ignora geralmente é que o fundador da grande cidade americana é um francez, um religioso, o padre Marquette. O padre jesuita tinha dezeseite annos, quando embarcou para o Canada. Evangelizou as tribus que viviam nessas regiões, percorreu a região dos grandes lagos que elle descobrio e fez conhecer em França e fundou nas margens do lago Michigan a aldeia que tomou o nome de Chicago, de um curso d'agua que se lança no lago.

O padre Marquette nunca mais tornou a França e viveu 2 annos entre os selvagens, morrendo aos 38 de idade.

A Virgem

A tarde era limpida.

O sol, derramando seus fronsos raios; agonizante, ia morrer no occaso. Ella, a virgem da belleza, o rosto candido, symbolo da innocencia, ia vagarosa pela estrada, que se avista além. Os olhos fitos em terra, como si levasse em mente o que quer que fosse tie di-vino, brilharam como a luz de Vesper.

A noite commoveu a estender seu infinito crajeirado de perolas e envolveu-a, tornando-a, assim em uma visão, jorem, visão celeste.

O mancho, que tie longe a seguia, os olhos fitos em seus passos, acompanhá-a agora, como louco, vindo a millo alem, desaparecendo na escuridão da noite.

Assim como esta virgem, são as illusões da vida

P. J. DE CARVALHO.



CRÈME SIMON
PARA
conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o **CRÈME SIMON**.

Os **PÓS de Arroz SIMON** e o **SABONETE Crème SIMON**, preparados com glicyrrina, a sua acção benéfica é tão evidente que não ha mugiem que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

J. SIMON, 36, Rue de Provence, PARIS
PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

Cravos Pretos do Rosto

(COMÉDONES)

EAU PASTOR

Efficacissima e de todo inoffensiva, desapparecer os CRAVOS PRETOS DO ROSTO, que se manifestam nas azas do nariz, na testa, nas faces e são occasionados pelos DEMODEX, esses parasitas são contagiosos; matheam, salpicam o furo a tez.

DEMODEX

Visto com o microscopio

KYE

NOTA.—A grande accitação da EAU PASTOR hoje universalmente empregada, fez com que apparecessem alguns ruins productos similares, sem efficacia alguma e que causam eviar com o maior enludo.

Deposito: PHARMACIE DE LA TOUR
66, RUE DE LA POMPE, PARIS

Encontra-se na mesma pharmacia:

Vinaigre Pastor o melhor vinagre para toaador, mico que purifica e torna alicia cutissem causar irritação.

Savon Pastor de extracto do farello concentrado. Este sahio é superior a todos os sabões do Perfumarias pela maciez que dá a pelle.

Uma por outra

(Continuação)

Poucos dias depois, Fernan es levou-me a casa da noiva. Era na rua do Senado, uma familia de poucos meios, pae, mãe, duas filhas, uma de onze annos. Margarida recebeu-me com affabilidade; estimava muito conhecer um amigo e collega do noivo, e tão distincto como lhe ouvira dizer muitas vezes. Não respondi nada; quiz honrar a escolha da esposa que o meu Fernandes fizera, mas não achei palavra que expressasse este pensamento. Tudo eu era, ou devia ser uma looca aberta e pasmada. Realmente, era uma bella creatura. Ao vel-a, recordei os meus gestos de janella a janella, e estive a ponto de lhe atrair, como outrora, o beijo symbolico, e pedi-lhe que levantasse os braços. Ella não respondera nunca aos beijos, mas eguia os braços de si mesma por um instincto esthetico. E as longas horas, e as tardes, e as noites... Todas essas reminiscencias vieram alli de tropel, e por alguns minutos, encheram-me a alma, a vista, a sala, toda o que uos ceava.

— O doutor fala-me muitas vez no senhor, insistiu Margarida.

— Fala de um amigo, murmurou finalmente.

Tendo-me elle dito que ella sabia ser eu o namorado do soáo, pareceu-me ver em cada gesto da moça alguma repetição daquelle tempo. Era illusão; mas que esperar de uma alma de poeta, perdida em mathematicas? Sai da com recordações do passado. A vista da rua e do presente, e sobretudo a imagem de Estella desfizeram aquelles fumos.

Ha encontros curiosos. Em quanto eu conversava com Margarida, e evocava os dias de outrora, Estella compunha versos, que me mostrou no dia seguinte, com este titulo: *Que é o passado?* Immediatamente peguei do lapis, respondi com outros que denominei: *Nada*. Não os transcrevo por não me parecerem dignos do prelo; falo dos meus. Os della eram bons, mas não devo divulgá-los. São segredos do coração. Digo so que a modestia de Estella os achar inferiores aos meus, e foi preciso muito trabalho para convencia-la do contrario. Uma vez convencida, releu-os a minha vista tres e quatro vezes; pelo meio da noite, dei com os olhos della perdidos no ar, e, como tinha ciúmes, perguntei-lhe se pensava em alguém.

— Que tolice!
— Mas...

— Estava recitando os versos. Você acia mesmo que são bons?
— São muito bonitos.
— Recite você.

Peguei dos versos de Estella e recitei-os outra vez. O prazer com que ella os ouvira foi, não digo enorme, mas grande, muito grande; tão grande que ainda os recitei uma vez mais.

— São lindos! exclamei no fim.
— Não diga isso!
— Digo, sim; são deliciosos.

Não acreditou, posto sorrisse; o que lez foi recitar os versos ainda uma vez ou duas, creio que duas. Eram so tres estrophes; vim de lá com ellas de cor.

A poesia lava a minha namorada um toque particular. Quando eu estava com o Fernandes dizia-lhe isso, elle dizia-me outras cousas de Margarida, e assim trovavamos as nossas sensações de felicidade. Uma dia communicou-me que ia casar dali a tres mezes.

— Assentou-se tudo hontem. E tu?
— Eu vou ver, creio que breve.

Casaram no dito prazo. Lá estive na igreja do Sacramento. Ainda agora penso como é que pude assistir ao casamento da moça do Castell. Verdade é que estava preso a outra, mas as recordações, qualquer que fosse o meu actual estado, deviam fazer-me reuante aquelle espectaculo da felicidade de um amigo, com uma pessoa que... Margarida sorria encantada para elle, e accettou os meus complimentos sem a menor remissencia do passado... Sorrii tambem para mim, como qualquer outra noiva. Um tiro que levasse a vida ao meu amigo seria duro para mim, far-me-hia padecer muito e longo; mas houve um minuto, não me recordo bem qual, ou entrar ou sair da igreja, ou no altar, ou em casa, não houve em que, se elle cae alli com umas cambras, eu não amaldiçoaria o céu. Expliquem-me isto. Taos foram as sensações e idéas que me assaltaram, e com algumas dellas sai da casa dellas, as dez horas da noite; iam dansar.

— Então a noiva estava bonita? perguntou-me Estella no dia seguinte.

— Estava.

— Muito?

— Reflecti um instante e respondi:

— Menos que você, quando cingir o mesmo véo.

Estella não acreditou, por mais que lhe jurasse, que tal era minha convicção; eram complimentos. Tinha justamente composto na vespera uma poesia, sobre o assumpto, mas tão ruim, que não a mostrarri; disse apenas o primeiro verso:

SE HEI DE CINGIR EM VÉO DE NOIVA OU PRINHA...

— Diga os outros!
— Não digo que, não prestam.

Como eu não trima e, e ella quizesse provar que não prestavam, tentou os assim mesmo, e confesso que não os acheti tão ruins. Foi o nosso primeiro e

serio erro. Estava suspenso que eu estava caçoando, e não me falou durante uns vinte minutos. Afinal reconcilhamo nos. Como eu lhe não pedisse os versos, vim nisso a prova de que elles não prestavam para nada, e disse-lho. Provei-lhe o contrario, amaneando-lhe o papel da mão.

— Amanhã lhe dou copia delles.

Copiei-os a noite, sonhei com ella, e no dia seguinte levei-lhe a copia. Encontrei-a em caminho, e em algumas amigas, iam ver um grande casamento. Acompanhadas, a porta da igreja e tavam treas carruagens, cavallos magnificos, libros de bom gosto, povo à porta, povo dentro. Os noivos, os paes, os convidados esperavam o padre, que appareceu alguns minutos depois. Compreendi o gosto das moças em ver casamentos alheios; tambem eu estava alvorado. O que ninguém alli teve, creio e juro foi a impressão que recebi quando dei com os olhos na noiva; era nada menos que a moça do theatro, a quem eu dera o nome de Sylvia, por lhe não saber outro. So uma vez a vi, mas as frições não se apagarão da memoria apezar de Margarida, apezar de Estella. O estreumeço que tive não foi visto por ninguém; todos os olhos eram poucos para ella e para elle. Quem era elle? Um joven medico.

Não houvera entre mim e esta moça mais que o encontro daquella noite do theatro, mas a circumstancia de assistir ao seu casamento, como já assistira a de Margarida, davam-lhe agora um cunho especial. Estaria eu destinado a ver ir para os braços alheios os meus sonhos mais intimos? Assisti ao casamento de Sylvia o menos que pude, olhando para outras pessoas; afinal tudo acabou, os noivos, os paes e os convidados saíram; Estella e as amigas foram vel-os entrar nas carruagens.

— Que é que tem? perguntou-me ella na rua.
— Dir-lhe-hei depois.
— Quando?
— Logo.

Em casa disse-lhe que pensava no dia em que fossemos objecto da curiosidade publica, e a nossa felicidade se consumisse assim.

— Não tardara muito, acrescentei; uma vez formado, virei pedir a.

Os olhos della confirmavam este accordo, e a muza o fez por versos que foram dos mais bellos que li da minha poetisa.

MACHADO DE ASSIS.

(Continua)

Teus labios

Teus labios de coral, o minha vida,
Têm a doçura do favo do Hymetto,
A frescura da chave do soneto,
O aroma da baunilha teofrida.

Quando de tua bocca soluçante,
Entr'abrindo a mostarda gengivas nuas,
Solta-se o bando das phrazes tuas,
O riso, o canto o—canto pupillante...

Na flor assetinada, que diviso,
Como que passa o marulhir profundo,
Das cordas d'um violino inornulho,
Que solça as canções do paraíso...

E, minh'alma, que é toda de langor,
Por essas horas feitas de tristezas,
D'este mundo vão quer todas riquezas
Pelo aroma dos labios teus em flor.

Ariú, 1897.

F. CAVALCANTI.

CHRONIQUETA

23 de Novembro de 1897.

O governo, que, autorisado pelo Congresso, declarou em estado de sitio, por 30 dias, o districto federal e a comarca de Nitheroy, afim de providenciar a respeito dos ultimos acontecimentos, que tudos os bons brasileiros deploram, recommendou a imprensa que se abstivesse de dar noticia das prisões politicas e outras medidas de excepção, aconselhadas pelas circumstancias.

A intenção é excellente; mas não ha duvida que essa ausencia de noticias dá grandes azas aos boatos, que se crum em todas as direcções.

Entre esses boatos alguns ha tão extravagantes, que admira haver papalvos que lhes deem curso. E como o boato é um grande perturbador e uma arma terrivel, que assegna a impudencia a quem se serve della, melha faria o governo autorisando a publicação de todas as noticias exactas, e desmentindo officialmente as que o não fossem. Não quer isto dizer que se não guardasse a maior reserva sobre os factos que não conviesse trazer ao dominio publico.

O caso é que ouço todos os dias os boatos mais fantasistas que pôde getar a imaginação do poeta dos ocio-

sos e peralvilhos, que pouco se importam com as terribes consequencias da sua maldade.

Os lamentaveis incidentes que sobresaltaram a nação produziram — valha-nos isso! — um grande beneficio para a nossa capital: o sr. dr. Furgulin Werneck renunciou o cargo de prefeito do districto teatral.

Ninguém mais do que aprecia esse illustre cidadão luminoso espera em que o collocaram os seus estudos scientificos, a sua capacidade professional, o seu talento e o seu caracter; a sua reputação de grande medico foi ganha a custa de muito esforço e de muito sacrificio, e ninguém pôde, com mais justiça, gozar as honras da consideração publica.

Mas o sr. dr. Werneck mostrou-se o brasileiro menos talhado para exercer as funções de prefeito. A politica — elle proprio o confessou — empigava-o de tal forma, que não lhe dava tempo para cuidar seriamente de cidade.

Pobre cidade! basta olhar para ella e ver o que tendo sido as suas autoridades municipaes! Nunca o Rio de Janeiro esteve tão sujo, nem tão infecto, nunca as pusturas foram tão desprezadas, nunca nos vimos tão miseravelmente servidos como hoje, em materia de habilitade!

Ao que parece, o governo tem tido alguma difficuldade na escolha de um prefeito: pois elle que continue e demorar a nomeação, contanto que acerte. Não ponha um cabo de eleições n'um cargo em que se faz preciso um patriota que tenha o sentimento de arte, ou um artista que seja patriota. Abaixo o Triangulo!

O prefeito pôde ser até monarchista, contanto que tenha a estofa e o temperamento de um prefeito. Fazer desse cargo um cargo politico, é condemnar irremessivelmente esta bella terra, tão digna de melhora sorte.

Na lista dos mortos da semana passada figurou o nome do dr. João Climaco Lobato, magistrado probo que na sua moridade se consagrou durante algum tempo à litteratura, produzindo para o theatro e escrevendo romances.

Esse velho virtuoso e sympathico era sogro do meu bom camarada Jovino Ayres, do Paiz, a quem mais uma vez apresento as minhas condolencias.

ELOY, O HERÓE.

P. S. — Está nomeado prefeito o Sr. Dr. Ubalдино do Amaral. A escolha não poderia ser mais a certada.

E., o h.

THEATROS

22 de Novembro de 1897.

Representou-se no Apollo a opereta em 3 actos *Holbein Babel*, de Maurice Ordonneau, musica de Victor Roger, traducção de Accacio Antunes.

É uma farça de um preparo um tanto penoso, e temperada com sal grosso, sal de cosinha, que o traductor não quiz ou não pôde refinar; em todo caso, consegue o fim a que se destina, que é fazer rir.

Outras peças têm tido melhor desempenho pela companhia do Apollo, que conta alguns artistas muito estimaveis, e mostra grande actividade para proporcionar ao publico bons espectaculos.

No Recreio continuam as representações da mirabolante migraes a *Coroa de fogo*.

No Eden Lavradio appareceram, e desapareceram logo, duas zarzuelas *chicas*, representadas pela companhia infantil, que decididamente perdon (em boa hora o dignamos) as boas graças do publico.

No Recreio ensaia-se o *Journal*, revista luminosa dos acontecimentos de 1897, em 3 actos e 16 quadros, original do nosso collega Arthur Azevedo.

X. Y. Z.

Moldes Cortados

47 Corpinho-blusa com aba 18000; 3 Saia (feito moderno) 15000. Pelo correlo mais 300.